




SIQUIRJ INFORMA

Nº 210

Abr/2019

Elevação dos custos de matéria-prima e energia puxam os volumes para baixo

Produção de químicos de uso industrial, no primeiro bimestre, é a menor desde 2011

A produção de químicos de uso industrial caiu 0,74% no primeiro bimestre de 2019, segundo levantamento da Associação Brasileira da Indústria Química – Abiquim. Apesar de a queda ser pequena em relação ao mesmo período do ano passado, ela acontece sobre uma base de comparação baixa, sendo este o pior início de ano para o setor desde 2011.

As vendas dos produtos químicos fabricados no País para o mercado doméstico caíram 4,24% no primeiro bimestre, em relação ao mesmo período do ano passado. Na mesma comparação, o consumo aparente nacional (CAN), que mede a produção mais importação menos exportação, teve alta de 7,5%. Nos dois primeiros meses do ano, as importações, em volume, cresceram de forma acentuada, 29,8%, e em quase todos os grupos analisados.

“A demanda final cresceu, entretanto, a produção local de químicos foi afetada pela elevação do custo de aquisição do gás natural, usado como matéria-prima e fonte de energia pelo setor, em vários estados, em especial São Paulo; pelo anúncio da hibernação das fábricas de fertilizantes da Petrobras, na Bahia e em Sergipe, também atribuída à falta de competitividade do gás natural; e problemas com fornecimento de energia, sobretudo em decorrência das fortes chuvas que atingiram o País. Esses fatores fizeram com que a utilização da capacidade instalada fosse de 72% no primeiro bimestre”, explica a diretora de Economia e Estatística da Abiquim, Fátima Giovanna Coviello Ferreira.

Na análise dos últimos 12 meses, sobre os 12 meses imediatamente anteriores, os índices de volume também são negativos: produção caiu 3,49%, enquanto as vendas internas recuaram 2,59%. No mesmo período de análise o CAN cresceu 1,8%. No entanto, o volume importado ganhou espaço sobre a demanda, crescendo 6,4% sobre igual período anterior. Também pela falta de competitividade da indústria local, as exportações recuaram 11,7%. A participação das importações sobre o CAN foi de 38% nos últimos 12 meses, valor um ponto superior ao que se verificou em todo o ano passado (37%).

“É fundamental encaminhar as reformas estruturais, como a da previdência, ainda no primeiro semestre do ano para que o Governo possa atacar outras questões relacionadas à carga tributária e à logística. O setor tem expectativa positiva sobre o recente anúncio do Ministro da Economia, Paulo Guedes, que pode trazer a tarifa do gás natural para patamares mais competitivos. O gás produzido localmente custa mais caro do que o importado por diversos países, que acabam sendo mais competitivos que o Brasil na indústria química. Essa mudança precisa acontecer no menor espaço possível de tempo, antes que o Brasil desative a produção de mais plantas, como tem acontecido no período recente”, afirma Fátima.

Fonte: Abiquim Informa

Editorial

Refino e petroquímica O futuro do Rio de Janeiro

Para o Estado do Rio de Janeiro é oportuna a discussão do documento “Investimento em Refino e Petroquímica a partir do uso do petróleo e gás de propriedade da União, conforme as regras do modelo de partilha”. A íntegra do trabalho está na seção Biblioteca do site do Siquirj.

Em resumo, a proposta é que, sendo a viabilidade das atividades de refino e petroquímica, inexoravelmente dependentes da disponibilidade e níveis de preço das matérias-primas, porque não se utilizar parte do volume de petróleo e gás que pertencerão à União, a partir do cumprimento das regras do Regime de Partilha, aplicáveis aos leilões do Pré-sal. A União calcularia um deságio no valor do óleo, para conferir atratividade à cadeia produtiva.

No mundo, o crescimento da capacidade total de refino, cresce menos que a produção de petroquímicos porque o transporte rodoviário – hoje o maior consumidor de produtos de refino - deverá ceder espaço para a petroquímica que ampliará sua participação na demanda, sem superar o transporte. A explicação é o desenvolvimento de combustíveis alternativos não poluentes, o desenvolvimento de veículos híbridos e o estímulo à utilização de transportes coletivos. Tudo leva a reduzir o consumo de derivados do petróleo para o transporte e aumentá-lo para a petroquímica.

No Rio de Janeiro a proposta do BNDES é uma luz no fim do túnel, a reativação dos setores de petróleo e petroquímica são projetos estruturantes e estratégicos para nossa recuperação.

A implantação de refinaria integrada com um conjunto de empresas petroquímicas – como se pratica mundialmente – não se esgotam na cadeia petroquímica: os reflexos benéficos se expandem para além das indústrias químicas, abrangendo a produção automotiva, têxtil, alimentos, siderurgia, máquinas e equipamentos, etc. e afeta diretamente o setor de serviços. O estudo merece atenção e apoio.

Brasil baixa Tarifa Externa Comum para 49 produtos químicos

A Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, do Ministério da Economia, publicou no Diário Oficial da União (DOU), do dia 29 de março, a portaria SECINT nº 241, que altera as alíquotas do Imposto de Importação, que compõem a Tarifa Externa Comum – TEC, de 49 produtos químicos sem produção no Mercosul. As alíquotas desses produtos baixaram para 2%, sendo que a antiga variava entre 10% e 12%. A redução da TEC é fruto do trabalho realizado pela Associação Brasileira da Indústria Química – Abiquim conjuntamente com suas congêneres na Argentina, a Cámara de la Industria Química y Petroquímica – CIQyP, e no Uruguai, a Asociación de la Industria Química Uruguaya – ASIQR, que iniciaram, em 2016, a avaliação do volume de produção na região desses produtos e os impactos que uma redução na TEC traria, em seguida as associações apresentaram aos governos dos respectivos países a solicitação de eliminação tarifária para 64 códigos da Nomenclatura Comum do Mercosul – NCM, mas após negociações no bloco econômico optou-se pela redução da lista.

O objetivo do trabalho das associações, que representam a indústria química, foi adaptar esses bens aos seus contextos de produção atuais em nível regional, a qual se traduziu no Brasil na consulta pública estabelecida pela Circular SECEX nº 17, de 27 de abril de 2018, com a qual o Governo abriu espaço para todas as partes interessadas.

Segundo a diretora de Assuntos de Comércio Exterior da Abiquim, Denise Mazzaro Naranjo, a redução tarifária é fruto de um esforço conjunto inédito das três associações da indústria química. “Esse foi um exemplo de trabalho que promove uma abertura comercial responsável e que trará ganhos a diversos setores industriais que utilizam esses insumos”.

A diretora da Abiquim também elogia a atenção dada pela Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. “O secretário Marcos Troyjo compreendeu a importância que a redução tarifária desses produtos, que não são fabricados no Mercosul, terá para a retomada do crescimento industrial. O Brasil foi o primeiro dos três países a oficializar essa redução, que também é fruto do diálogo entre indústria e governo, para que tudo ocorra de forma gradativa e responsável visando beneficiar a economia local”, completa.

A indústria química brasileira é uma das mais engajadas em processos de abertura comercial, em âmbito multilateral, de forma responsável e negociada. O setor químico já é um dos mais abertos de toda a economia nacional e entende ser necessário um amplo debate com a sociedade, com o setor produtivo e simultaneamente trabalhar em uma agenda de eliminação do “Custo Brasil” (carga fiscal, custo de energia e de matéria-prima, juros elevados, exposição cambial), antes de uma abertura comercial unilateral.

Portaria SECINT nº 241

<http://www.timamoco.com.br/r4.php?c/byd3/c2lxdWlyakBzaXF1aXJqLmNvbS5icg>

Fonte: Abiquim Informa

Emprego formal volta a cair em março

Contrariando as expectativas, o mercado de trabalho formal fechou 43,2 mil vagas em março, após surpreendente abertura de 173,1 mil postos em fevereiro. A mudança de data do Carnaval foi determinante para a inversão de tendência, mas economistas avaliam que a piora das perspectivas para a atividade no ano também pesou sobre as contratações. Com o resultado abaixo do esperado no trimestre, os analistas já reduzem projeções para o saldo do emprego formal no ano.

Foi o pior março desde 2017, quando houve a destruição de 63,6 mil vagas no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). O número também frustrou as expectativas de 17 consultorias e instituições financeiras ouvidas pelo Valor Data, que esperavam, em média, a criação de 70 mil empregos, com nenhuma previsão de saldo negativo entre elas.

Houve retração em cinco dos oito setores econômicos no mês, puxada pelo comércio (-28,8 mil), seguido por agropecuária (-9,5 mil), construção civil (-7,8 mil), indústria de transformação (-3,1 mil) e serviços de utilidade pública (-662). Por outro lado, houve expansão no nível de emprego nos setores de serviços (4,6 mil vagas criadas), administração pública (1,6 mil) e indústria extrativa mineral (528 postos).

Todas as regiões do país registraram saldo negativo no mês. O pior resultado foi o do Nordeste, que fechou 23,7 mil postos. Em seguida, vêm Sudeste (-10,7 mil), Norte (-5,3 mil), Sul e Centro-Oeste (-1,7 mil em ambos). Das 27 unidades da federação, apenas oito registraram saldo positivo em março. As demais 19 fecharam mais vagas do que abriram.

De janeiro a março, o saldo acumulado é positivo em 179,5 mil vagas formais, com ajuste para inclusão de dados enviados com atraso pelas empresas. Em 12 meses, o país registrou a criação de 472,1 mil postos, na mesma medida.

Na avaliação do Ministério da Economia, a queda em março está diretamente relacionada ao resultado excepcional de fevereiro. “Os setores que normalmente admitiam nesta época do ano anteciparam as contratações para fevereiro, e aqueles que demitiam concentraram as demissões em março. O fato provocou tendências opostas entre os meses”, observou a pasta em nota.

Fonte: Valor

Presidente do Siquirj é reconduzido ao Conselho Diretor da Abiquim

A Associação Brasileira da Indústria Química - Abiquim reeleveu, em Assembleia Geral Ordinária, no último dia 21 de março, o diretor-presidente da Elekeiroz, Marcos Antonio De Marchi para o cargo de presidente do Conselho Diretor da Associação, para o biênio abril 2019 até março 2021.

O Presidente do Conselho Diretor convidou para continuar integrando o referido conselho o presidente do Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro (Siquirj), Isaac Plachta.

A participação no Conselho Diretor da Abiquim coloca o Siquirj em posição de destaque no cenário nacional, pois o referido conselho tem por papel definir políticas, planos, estratégias e diretrizes de atuação da Associação, bem como manifestar-se sobre todos os assuntos de interesse da indústria química e de produtos derivados.

A sempre frutuosa parceria do Siquirj e da Abiquim tem gerado importantes ações para as empresas associadas de ambas as entidades, com oferecimento de cursos de capacitação profissional do Programa Atuação Responsável, bem como o funcionamento do Núcleo Multiplicador do referido programa, dentro da Comissão de Meio Ambiente e Segurança do Siquirj.

Siquirj

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2016/2020

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Ciro Alves (Vice-presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Wagner Sá
Jorge Luiz Cruz Monteiro

Conselho Fiscal

Efetivos

Carlos Roberto da Silva
Nélio Augusto Manhães Rodrigues
Roberto Pinho Dias Garcia

Suplentes

Ronaldo Valle Monteiro
Ubiratan Sá
Rodrigo Simion Hunger

Delegados Representantes junto à Firjan

Efetivos

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Roberto Pinho Dias Garcia